

Riobaldo: entre líderes e mitos

Eduardo Melo França
Mestrando/Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

O presente texto tenta, sob o prisma psicanalítico e também recorrendo às idéias presentes na “Dialética do Esclarecimento” de Adorno, evidenciar como Riobaldo se mostra um personagem moderno, absolutamente individualizado diante da des subjetividade dos jagunços e, surpreendentemente, também dos líderes dos bandos. Acreditamos que, a fim de ascender como sujeito idiossincrático, ele precisará assumir, enquanto verdade, a “dúvida”, e desconstruir todas as certezas nascidas num Sertão ainda épico, dominado por figuras míticas inquestionáveis, isto é, os grandes líderes da jagunçagem.

Palavras-chave: “Grande Sertão: Veredas”, psicanálise, “Dialética do Esclarecimento”, mitos.

Abstract

The following text intends, under a psychoanalytical regard and also using the ideas within Adorno's “Dialectic of Enlightenment”, to put in evidence how Riobaldo appears as a modern and highly individualized character in face of the *jagunços*' subjectivity, and also surprising the band's leaders. Believing that in order to ascend as an idiosyncratic self, Riobaldo will need to assume the “doubt” as truth and deconstruct all the ideas originated in a still epic *sertão* ruled by mythic and unquestionable people, that is, the great leaders of “jagunçagem”.

Key-words: “Grande Sertão: Veredas”, psychoanalysis, “Dialectic of Enlightenment”, myth.

Résumé

Ce travail a pour but de discuter, sous le prisme de la psychanalyse et des idées présentées dans la “Dialectique de l'éclaircissement” de Adorno, comment *Riobaldo* se montre un personnage moderne et tout à fait individualisé, face à la désubjectivité des jagunços et, le plus étonnant, vis-à-vis des chefs des troupes. Il semble qu'afin de s'élever comme sujet

idiosyncrasique, il aura besoin d'assumer le doute en tant que vérité, et de déconstruire toutes les certitudes nées dans un *Sertão* encore épique et dominé par les grands meneurs de la *jagunçagem*, figures mythiques et incontestables.

Mots-Clés: "Grande Sertão: Veredas", psychanalyse, "Dialectique de l'éclaircissement", Mythes.

Dentre todos, no sertão, apenas Riobaldo tomou para si a travessia e nos descortinou cruamente a passagem do ser do mundo épico, ainda não subjetivado idiossincraticamente, para o indivíduo moderno, lírico; existente sob a era de Hamlet, Quixote e Freud.

Não que o mundo do sertão houvesse deixado de ser épico. Apenas, para Riobaldo, este mesmo mundo havia sido, por ele mesmo, desmistificado. As verdades que davam segurança a todos que permeavam as veredas do sertão não mais respondiam às suas dúvidas. E por isso ele partiu em travessia. Ele não era jagunço. "O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! — porque não sou, não quero ser. Deus esteja!" (Rosa 1986:187). Seu sentido gregário não correspondia ao tom, ainda épico, dos bandos. O que Riobaldo queria, ou precisava, era tornar-se um. Não pertencer à horda e emergir ao status de indivíduo. Afinal, como dizia ele "um ainda não é um quando faz parte com todos" (Rosa 1986:60).

Nosso herói estava imerso em um mar de alienação, contudo, com os olhos e os ouvidos do lado de fora deste mesmo mar. Restava-lhe a vontade de fugir, ao contrário dos jagunços, chefes de jagunços e Diadorim.

Os (grandes-antigos-épicas) homens do sertão eram mitos inquestionáveis. Permanentes e inabaláveis pela dúvida. "Medeiro Vaz era homem de outras idades, andava por este mundo com mão leal, não variava nunca, não fraquejava" (Rosa 1986:26). Não que o homem, em algum momento da história, não tenha evocado o mito em prol de seu conforto e esclarecimento. Contudo, parodiando Adorno, o homem, imerso em uma dialética de esclarecimento e diante de um monumento, obtinha respostas constantes. O esclarecimento originado do mito era abstrato e pasteurizador. A dúvida, na era dos mitos, era aplacada pela

homogeneização subjetiva. Sob esse mesmo raciocínio, o cangaço era composto por cangaceiros, não indivíduos e os chefes de bando não eram homens, mas mitos.

“Mas os mitos que caem vítimas do esclarecimento já eram o produto do próprio esclarecimento. No cálculo científico dos acontecimentos anula-se a conta que outrora o pensamento dera, nos mitos, do acontecimento” (Horkheimer 1985:23). Apesar de fazerem parte do mesmo sistema de alienação, os grandes líderes, não enquanto sujeitos, mas enquanto estâncias — lugares a serem ocupados — acabam por ser fundamentais na existência dos jagunços. A esses pobres coitados que se bestializavam, amolando seus dentes como presas caninas, o mínimo de nomeação que lhes restava era pertencer a um bando e, por seu líder, serem ou renomeados com novos apelidos ou rebatizados socialmente com o nome pluralizado desse líder. Daí nascer os “belebelos” ou os “hermógenes”. O lugar do líder dos bandos não era imposto por esse ou aquele, mas demandado por todos.

Negar que Medeiro Vaz, Zé Bebelo ou Joca Ramiro tinham características que o levaram a assumir o lugar de líder é um erro. Entretanto, o lugar do líder existia de forma abstrata. Esse lugar, na ausência de um deles, necessitava ser preenchido. O bando, o grupo, a horda, identificava-se entre si pela ausência de subjetividade. O líder existia e os preenchia. Negava e permitia. Afagava e castigava.

Contudo, Riobaldo, diferente dos jagunços, era capaz de pensar. Ou ainda antes, bem antes, era capaz de sentir. Ele era mais do que um homem moderno, ele era o primeiro indivíduo que surgia nas veredas desse grande sertão. Era o nascimento do indivíduo em meio a mitos e algo que ainda não chamamos de indivíduos ou homens, apenas jagunços.

Nem épico nem romance. Nem só indivíduos, nem só mitos e coisas. *Grande Sertão: Veredas* trás em si a marca de duas épocas e dois modos de subjetivação. Trás em si a marca do contraste. A linha que separa a horda e o homem primitivo do sujeito moderno, hamletiano, quixotiano e freudiano. Em *Grande Sertão*, observa-se a veneração alienante primitiva ao pai, por parte dos jagunços, mas também ao longo da travessia, presencia-se a morte desse mesmo pai. Todavia, não a morte real. Riobaldo, por já ser um indivíduo, não realiza o banquete

totêmico. Ele é capaz de algo que ao jagunço é inalcançável, matar simbolicamente seu pai — o chefe do bando.

Ao desafiar Zé Bebelo e questionar os caminhos de Medeiro Vaz, ele ascende à condição de sujeito. Transforma o grande líder do bando, o inquestionável pai-chefe que nomeia seus jagunços com sua marca mais forte — o seu nome - em apenas, e não apenas, em representantes simbólicos do nome-do-pai. Freud em *Psicologia de grupo e a análise do ego* diz que os não-indivíduos, os homens que participavam do grupo primitivo, alienam suas existências à personalidade do líder. Eram incapazes de se constituir em uma relação múltipla de espelhos. Assim são os jagunços. Diante de seus líderes são incapazes de admitir outra possibilidade. Como diz Adam Philips, de “flertar” com a diferença. Não enxergam outra alternativa que não o Grande-Outro.

Riobaldo é o sujeito que Lacan diz ser constituído a partir de um feixe de signos. Ele é uma coagulação de significantes. Ao admitir o chefe do bando como representante simbólico e não mais real do nome-do-pai, passa a ser capaz de admirar e criticar simultaneamente Joca Ramiro, Medeiro Vaz e Zé Bebelo. As identificações são múltiplas e variadas. Para Riobaldo, os grandes líderes míticos precisam ser desmistificados, o indivíduo que ele quer se tornar não pode emergir diante de um outro que o nomeei de forma alienada, mas que ao contrário disso, o esclareça.

As sensações que preexistem os pensamentos de Riobaldo, em muitos momentos não são nomeados e entendidos. Esses sentimentos são, não raras vezes, angustiosos por não somente buscar um sentido de existência, mas de uma essência. Riobaldo meteu-se em meio a uma travessia em busca de si próprio. Ou mais, em busca de saber quem “é” diante de outros que “não são”. O termo travessia para ele se confunde com esclarecimento. Os mitos, os monumentos épicos ainda presentes no sertão e que não só cegavam os jagunços como também os homogeneizavam, para Riobaldo, perdiam o valor do absoluto. Por consequência de seu lirismo e espírito moderno — duvidoso e duvidador — em tudo via brotar dúvidas.

Ele duvidava e questionava homens que por estarem forjados de armaduras épicas ocupavam diante da dúvida e da existência de outros uma posição mítica.

“Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito” (Horkheimer 1985:22). Por isso, Riobaldo via os grandes homens (Medeiros Vaz, Zé Bebelo e Joca Ramiro) não como mitos inquestionáveis e por serem alienantes, falsamente esclarecedores, mas como homens. Homens que apesar de serem grandes, ainda vestigiosamente épicos e líderes, não ascenderam à posição de indivíduos. Se, como lança a máxima lacaniana, todo sujeito só se faz a partir do outro, e se o mito, segundo o esclarecimento se reduz a quem lhe questiona — o sujeito — Riobaldo reduz seus grandes líderes à sua semelhança. Ou seja, sujeitos ao mesmo tempo virtuosos e viciados. Por isso, quando Riobaldo toma Zé Bebelo morto enquanto mito e agora somente líder de bando, permite-se questionar a possibilidade dele ser um traidor. Permite-se encará-lo. Permite-se tossir no mesmo tom dele.

Apesar de grandes, os líderes de bando, não eram autônomos. Faziam parte do mesmo sistema fechado do antigo sertão. Sistema de antiesclarecidos. Sistema de ordens e hordas. De alguns mitos e de outros tantos mudos. Para Riobaldo esse mundo e esses “outros” não eram esclarecedores. Não lhe ajudavam na busca de saber quem ele era ou mesmo de se auto-construir.

A vida do sujeito se faz não somente pelo presente imediato, mas também pelo passado. Riobaldo diz que o passado dói e ecoa, mas mesmo assim não consegue se livrar dele. Ele trás em sua memória os carinhos de sua mãe; carinhos esses que sempre vê nos olhos de Diadorim. Ele tem uma lembrança ambígua de sua filiação, que mesmo sempre duvidosa, várias vezes é falada por ele. O passado, o presente e o futuro surgem na mente de Riobaldo como pontos que precisam ser ligados um ao outro, a fim de se entender a própria história. A vida, para ele, “não têm hoje, ant’ontem amanhã: é sempre” (Rosa 1986:119). Ele tem boa memória [...] e lembr[a] de tudo” (Rosa 1986:123). Ao contrário de todo esse processo de historicidade subjetiva que faz parte da constituição de Riobaldo, observamos Medeiros Vaz, que ao entrar no sistema do sertão, apaga sua história e se desfaz do seu passado: “antes de sair pelos Gerais com mão de justiça, botou fogo em sua casa, nem das cinzas carecia possessão” (Rosa 1986:120)

Acredito que aos olhos de Riobaldo, um personagem não épico, "o mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornar uma doutrina" (Horkheimer 1985:23). E isso não ajudava em nada na travessia que Riobaldo tomou para si. A travessia de saber quem era. De uma auto-afirmação, enquanto sujeito.

Tudo nele parece buscar reposta. Inclusive sua fala. Quantas perguntas faz Riobaldo ao seu interlocutor? Caminhando muito próximo de Lacan, afirma Severo Sarduy sobre a "fala barroca", estilo que muito bem pode caracterizar tanto o texto roseano quanto lacaniano: "o cultural, manifesta-se no jogo como objeto perdido, jogo cuja finalidade está nele mesmo e cujo propósito não é a condução de uma mensagem — neste caso, a dos elementos reprodutores — mas seu desperdício enquanto função do prazer" (Sarduy 1972:177). Para Lacan ninguém fala para se comunicar. Toda linguagem consiste em uma busca de consistência, de confirmação de certeza, de existência e essência. Falamos para saber, não só que existimos, mas para saber quem somos. Riobaldo faz tantas perguntas, não para obter respostas, mas para confirmar o que pensa.

A certeza da existência parece para Riobaldo não ser mais suficiente. Por de trás de tudo que ele fala, parece ecoar a frase: quem sou eu? Ele não quer simplesmente contar a história de sua travessia ao interlocutor. Ele quer buscar além de sua existência, sua essência. Saber quem é. Contar sua travessia pelas veredas desse grande sertão não é apenas relatá-la, é revivê-la.

Riobaldo, entre mitos-líderes e mudos-jagunços, emerge com a certeza de não mais compartilhar a idéia de um sertão mítico ou animista. Ele desencanta essa terra, destruindo o animismo alienante dos acontecimentos e valores (Horkheimer 1985:20). Como qualquer indivíduo, ele vive uma relação inexoravelmente lírica com o mundo. Seu modo de se relacionar com as coisas não se reduz ao mero "perceber, classificar e calcular, mas precisamente na negação determinante de cada dado imediato" (Rosa 1986:39). A factualidade cega cede lugar à apreensão simbólica do mundo. "Cada um só vê e entende as coisas dum seu modo" (Rosa 1986:9). Por isso, seja o vaso ou as rosas, esses só serão

belos através da lembrança de Diadorim. Seja Joca Ramiro, Medeiro Vaz ou Zé Bebelo, esses só serão grandes por intermédio da lembrança da ausência de um pai. Riobaldo, assim como seu Compadre Quelemém, não está interessado no “caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa” (Rosa 1986:171).

A consciência individual de Riobaldo o obriga admitir que a partir de agora, no caminho que escolheu para si, as responsabilidades devem todas ser assumidas pelo indivíduo. As instituições e estâncias não existem mais a priori. O espírito individual é capaz de construir e desconstruir mundos e mitos, sertões e cidades. E assim, entre a jagunçagem, a bestialização, e os dentes amolados, a palavra de Riobaldo surge como um lampejo de clareza e lirismo. O mundo de Riobaldo, ao perder a certeza épica, passa a conviver com a mesma relatividade que acompanha o personagem denominado por Lukács como demoníaco. Riobaldo tem consciência dessa nova relatividade. Sabe que “o mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão” (Rosa 1986:81)

Diante da negação de Riobaldo em admitir os antigos mitos, como então entender ele mesmo incorporar a fantasia do Urutu-Branco?

Quando extintas as mitificações do antigo mundo épico, quando deixamos de fazer parte de um todo absoluto e nos tornamos indivíduos, apenas nos restaram as fantasias individuais. Ou seja, os mitos que criamos de nós mesmos. Nossas fantasias e máscaras. Nossas *personas*.

Como já comentado, a travessia em busca de si próprio gerou em Riobaldo um sentimento constante de dúvida. Uma pergunta que não calava e sempre retornava às mesmas questões: que mundo é esse? Qual o meu lugar nesse mundo? Existe Deus ou o Diabo? A percepção de que o mundo no qual vivia não mais lhe cabia e que as pessoas com quem dialogava não mais lhe entendiam, denunciava a necessidade dele encontrar qualquer artifício psicológico que lhe desse a sensação de ter em si a marca de um significante. Algo que lhe aplacasse a sensação de esvaziamento completo que lhe causou a transição do determinista e determinado mundo épico para o opaco mundo moderno.

O desfacelamento total da fantasia e do mito é insustentável. O sujeito moderno, que não mais obedece às ordens do espírito do pai morto e muito menos obedece cegamente aos chefes dos bandos, carrega em si uma sensação lacunar. Se Hamlet é mais moderno que Diadorim,

pois foge da determinação épica em se vingar da morte do pai, Riobaldo é ainda mais moderno do que o príncipe da Escócia, pois, foge da angústia mortal gerada pela dúvida de não saber qual o seu lugar enquanto indivíduo no novo mundo. Onde Hamlet falha e não responde a si próprio se é ou não é, Riobaldo lança mão da fantasia individual e faz de si o Urutu-Branco.

Ainda assim, mesmo tendo pela primeira vez um apelido (coisa que até então nunca tinha lhe sido atribuído de forma definitiva) não podemos dizer que Riobaldo sucumbe ao antigo sistema e desiste de sua travessia rumo à individualidade. Ele parece ter consciência que sua história parte do “nonada” e terminará em outro “nonada”. E que por isso, alguma espécie de corda psicológica lhe será necessária.

A diferença fundamental entre o Urutu-branco e os apelidos atribuídos aos demais jagunços é derivada da liberdade psicológica de Riobaldo. Enquanto todos jagunços transitam entre uma pluralidade desubjetivante — os bebelos, os hermógenes — e apelidos que mais representam um rebatizado que apaga qualquer vestígio de individualidade e de historicidade particular, Urutu-Branco é uma auto-nomeação.

Em hipótese alguma a emergência do Urutu-Branco representa um nivelamento entre Riobaldo e os demais jagunços. O Urutu-Branco trata-se de uma liberdade individual inimaginável aos olhos de um sujeito ainda gregário e épico. Se Diadorim não consegue apagar do seu nome (e aqui no sentido mais amplo e definidor possível que um nome pode ter) a marca da palavra vingança, e se Hamlet apaga essa mesma marca do seu nome, mas não encontra um novo lugar para ele, Riobaldo, não só busca conhecer a si próprio, mas também, permite-se em construir a si próprio.

Apesar de serem todos líderes, como negar as diferenças entre o Urutu-Branco e Zé Bebelo, Medeiro Vaz ou Joca Ramiro? Em contraponto à estrutura intacta, fechada e absoluta do mito, Riobaldo é novamente socrático ao afirmar que “nada sei” (Rosa 1986:8). Ele tem consciência de que sua vida tem pontos distantes um do outro e que a travessia implicada na união deles é permeada pela dúvida. Desde sempre negou a estrutura absoluta do mito. Aos olhos desse analista, mesmo os grandes homens, ao serem reduzidos à dimensão humana são

inseridos na condição de incompletude do ser, afinal, para ele “o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior” (Rosa 1986:15).

O Urutu-Branco, como anteriormente foi comentado, se faz como um feixe de memórias e reflexos. Riobaldo trás em si o melhor que pôde capturar de cada um de seus antigos mestres. Observemos o que dizem do Urutu-Branco:

- Tal a tal, o Chefe tira mais finíssimas artimanhas do que o Zé Bebelo próprio- um diz
- À fé, que determina com a mesma a justiça que Medeiro Vaz – outro falou, mais aduloso (Rosa 1986:424).

O Urutu-Branco não nega a travessia de Riobaldo. Não desmente sua postura esclarecedora e humana. O posicionamento de Riobaldo enquanto líder, trás algumas diferenças em relação aos seus líderes anteriores; principalmente no que diz respeito ao tratamento que terá com seu bando. A dúvida e o questionamento antes excluídos da jagunçagem, com Riobaldo (ou Urutu-Branco) na liderança, não só poderão ser observados mais de uma vez, como pelo próprio Urutu-Branco serão celebrados.

Lembremos do episódio no qual Riobaldo decide matar a égua e vários de seus jagunços não concordam com essa decisão:

Os demais, a ver que reprovam minha decisão, de que a égua se matasse. A gente revoltosa? Ah, não; que, em seguida, gostei, eu mesmo. Instante em que eu prazia ouvir meu pessoal discordar daquilo, com a égua, a frio e por fria razão” (Rosa 1986:423).

E mais:

Aquela hora eu estimava meus homens, que vivessem, que falasse (Rosa 1986:424).

Falei da ascensão de Riobaldo enquanto sujeito e de como ele entende que os líderes da jagunçagem ocupam um lugar de mito e daí inseri-los em um processo de esclarecimento. Falei também de sua

historicidade subjetiva e do nascimento do Urutu-Branco. Entretanto, algo, no que diz respeito à caracterização de Riobaldo enquanto sujeito precisa ser comentada.

O sujeito — moderno — da psicologia, que foi caracterizado pela psicanálise é cindido. O personagem — moderno — do romance, caracterizado por Lukács, é demoníaco. O Sujeito filosófico de Nietzsche é absolutamente relativizado. Ou seja, o sujeito que hoje conhecemos trás a marca do auto-desconhecimento. Da dúvida inerente. Da não completude o do desconhecimento das próprias ações. Em Riobaldo esse traço se faz visível em sua relação com Diadorim.

O que pouco podemos entender do conceito Lacaniano de “Real”, pode, sem muita certeza, ser resumido como aquilo que foge à linguagem. O que quase não é humano, por ser indizível, intraduzível em pensamento, sendo por isso apenas sentido. Esse tal Real lacaniano é o que há de mais primitivo e desconhecido no indivíduo.

Se não esquecermos que durante todo o romance Riobaldo está contando uma história já vivida, perceberemos que o sentimento de estranhamento e de incompreensibilidade que ele nos transmite sempre que fala de Diadorim é algo que não só existia durante os acontecimentos relatados, mas que até o momento em que ele está contando a história ainda se fazem presentes. O sentimento que Riobaldo tem por Diadorim, e que prefiro chamar de estranhamento, não consegue em nenhum momento de todo o romance ser compreendido. O que Riobaldo sentia por Diadorim é algo que, precariamente, podemos dizer que foge ao cognitivo.

O senhor veja: eu, de Diadorim, hoje em dia, eu queria recordar muito mais coisas, que valessem, do esquisito e do trivial; mas não posso. Coisas que se deitaram, esqueci fora do rendimento. O que no renovar e ter eu não consigo, modo nenhum” (Rosa 1986:332).

Riobaldo, o narrador do romance, está contando histórias já vividas. Isto é, no momento em que ele está contando ao seu interlocutor todas as histórias, ele já tinha tomado conhecimento de que Diadorim era mulher. E se, além disso, durante o seu relato considerarmos que à certa altura o fato de ele não se permitir ter certos tipos de emoções por

outro homem vão sendo deixados de lado e praticamente não mais mencionados, podemos supor que o que lhe angustia é mais a sensação de não conseguir compreender esse sentimento tão avassalador; que mistura admiração, carinho e repulsa .

Esse estranhamento não é apenas resultado de uma tenção sexual entre ambos. Desde o dia em que Riobaldo conheceu o ainda Reinaldo, algo lhe mexeu. A figura do menino delicado, mas valente e que foi ensinado por seu pai a não ter medo, encantou-lhe profundamente. A impressão que temos é que Diadorim põe em xeque toda as últimas certezas de Riobaldo.

Diferente dos antigos homens que sempre mostravam um auto-controle e conhecimento, Riobaldo sente-se meio que perturbado quando ao lado de Diadorim. Não somente por conta de um sentimento que pretende ser rejeitado, mas por ele não conseguir entender o que sente. Diadorim, ao mesmo tempo em que lhe causa dúvidas também exercia sobre ele um domínio; “Mas Diadorim, por onde queria me levava” (Rosa 1986:171).

Grande Sertão: Veredas é um romance (enquanto gênero) e por conseqüência apresenta uma estrutura psicológica de seus personagens ordenada pelos modos modernos de subjetivação. Por isto, tenho consciência que no que diz respeito aos aspectos humanos que trato sobre Riobaldo, certamente não trago inovadoras contribuições. Contudo, três aspectos creio ter conseguido destacar.

O primeiro diz respeito ao lugar de indivíduo que Riobaldo assume diante de homens que ocupavam lugares míticos. O segundo, que é admitirmos a travessia de Riobaldo como uma metáfora em busca de uma consciência de si próprio. Ou mais, uma travessia que para ter seu objetivo consumado, tinha como principal arma o esclarecimento e a inauguração de uma nova verdade: a dúvida. Por último, o fato de todas as características humanas de Riobaldo serem exaltadas e ressaltadas justamente por serem contrapostas a homens que ainda não acenderam a essa mesma humanidade.

O que Rosa conseguiu com o *Grande Sertão* foi retratar em um Romance, duas épocas, dois modos de subjetivação e ética: o indivíduo e o ser gregário, o épico e o romance, a humanidade e individualidade de Riobaldo e a anti-subjetividade dos jagunços e seus líderes .

Referência Bibliográfica

- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: — *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol XVIII.
- HORKHEIMER, Marx. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2000.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SARDUY, Severo. O barroco e o neobarroco. In: *América Latina em sua literatura*. Perspectiva: São Paulo, 1972.
- SOUZA, Alduísio M. de. *Os impasses do amor*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.